

Apresentação

Elison Antonio Paim*
Solange Evangelista Luís**

A imagem, porém, com a qual o negro brasileiro se depara é de uma África que, apesar das diferenças históricas e regionais, se mostra imersa em guerras e conflitos internos, muitos deles deixados como herança da colonização mediante uma divisão geográfica imposta, em uma terra saqueada pelos colonizadores e explorada, até hoje, pelas ditas nações desenvolvidas. É uma África contemporânea na qual alguns países que mais sofreram com o tráfico negreiro pedem, hoje reparações às nações causadoras dessa empreitada, inclusive, o próprio Brasil. É a África que luta pelo desenvolvimento e pela inserção internacional. A imagem da África vista como um continente com uma história rica e complexa, constituída historicamente por diversos reinos, tecnologias, diversidade cultural e linguística, movimentos de resistência e de descolonização, ainda não é a mais divulgada no interior da própria comunidade negra brasileira. A negação da história é mais um aspecto da violência racista.

(Nilma Lino Gomes, 2019, p. 158)

Tomando como mote a epígrafe acima é que conduzimos a organização desse dossiê Diálogos Afro-brasileiros propõe um debate, à grande área das Ciências Humanas, sobre a constituição das relações entre as áfricas e os brasis, a partir do pensamento decolonial, intercultural e das epistemologias do sul (c.f. Boaventura de Sousa Santos).

Vivemos momentos distópicos de destruição ambiental; de golpes contra a democracia; de pandemia mortífera; de projetos de Lei que criminalizam manifestações de pensamento; de perseguição à arte e aos seus promotores. Vivemos momentos obscuros de racismo altivo e descarado;

de assassinatos e encarceramentos diários de jovens negros em várias partes do mundo; temos uma educação europocêntrica, colonialista, patriarcal, homofóbica e falocêntrica que exclui, mais que inclui; que atira para a margem as experiências comuns entre o continente africano e o Brasil.

É neste contexto e por causa dele, que as Ciências Humanas devem assumir a centralidade na problematização de temas que são recorrentemente atacados, com críticas que visam ideologizar, abafar e cessar o debate.

A conjuntura nos compele, precisamos agir politicamente contra o retrocesso e a mordação. Precisamos pensar o passado e o presente, questionando formas de discriminação, preconceitos e de cerceamento das liberdades. O contexto se impõe, precisamos aprofundar o debate visando a educação para as relações étnico-raciais. É inadiável o estudo de outras culturas e de outras histórias que exercitem práticas humanas que rompam com as atuais formas de desigualdades, exploração e colonialidade, apontando assim outras possibilidades.

No bojo do grande debate mundial, o número 53 dos *Cadernos do CEOM* se propõe apresentar experiências de pesquisa e estudos desenvolvidas por sujeitos interessados em pensar a partir do campo da *decolonialidade*, da *interculturalidade* e das *epistemologias do sul*, propondo problematizar o modo como pensamos sobre nós mesmos e os processos de colonização e de *colonialidade* das

*Editor convidado e membro do Conselho Editorial do Cadernos do CEOM. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (1986), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Pós doutor no programa de Ensino de História de África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla – Angola. Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lotado no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) do Centro de Educação. E-mail: elison0406@gmail.com.

**Editora convidada. Professora permanente dos Programas de Graduação e Pós-Graduação em Ensino da Língua Portuguesa do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Huíla, em Lubango, Angola; professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Ensino da História de África (Departamento de Ciências Sociais do ISCED-Huíla). Doutora pela Universidade de Coimbra, Portugal, em Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e Mestre pela Universidade de York, Toronto, em Teoria Pós-Colonial. E-mail: luisolange@hotmail.com.

gentes, dos pensamentos, dos relacionamentos, da política e do ambiente.

Reunimos aqui escritos oriundos de atividades de pesquisa e estudos desenvolvidos no continente africano, nomeadamente em Moçambique e Angola, e nos estados do Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no Brasil. Os dez artigos reunidos oferecem diferentes possibilidades de compreensão das relações sociais, culturais, históricas, educativas, antropológicas, econômicas e comunicativas vividas nestes países. Todos tangenciam com maior ou menor intensidade a proposta de realização de diálogos entre os múltiplos brasis e países das múltiplas áfricas.

Em *A rainha Ginga descrita, adjetivada e metaforizada: uma análise textual da obra História Geral das Guerras Angolanas de António de Oliveira de Cadornega (século XVII)*, Priscila Maria Weber analisa o texto da obra *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita pelo cristão-novo português António de Oliveira de Cadornega, considerando as descrições, adjetivações e metaforizações que o autor atrela à rainha Ginga em sua obra.

Cenas fatídicas: experiências suicidas dos escravizados no Maranhão (1834-1888), é escrito por Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz e Carlos Victor de Sousa Ferreira, no qual defendem que o suicídio foi comportamento recorrente entre os escravizados. Para os autores, através dos suicídios é possível analisar as relações cotidianas, os perfis sociais, as subjetividades escravas e as afetividades. Esta análise permite a observação de outras formas de relações sociais que fogem à dicotomia escravo-senhor.

Em *Decolonizando tempos, espaços e memórias: diálogos entre os saberes escolares e os saberes comunitários na Província da Huíla em Angola*, Elison Antonio Paim e Solange Evangelista Luís relatam aspectos da pesquisa de pós-doutorado realizada no Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED da Província da Huíla, na cidade do Lubango, em Angola. Os autores identificam, a partir da investigação do trabalho realizado em instituições de educação básica, de que forma as experiências, memórias, patrimônios e culturas

locais são agenciados na produção dos saberes escolares.

O artigo *O Homem Novo nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa pré-independência* de Solange Evangelista Luís analisa as características basilares do conceito de Homem Novo, desde o surgimento do Homem Soviético, até à década de 1960 a fim de perceber como estas particularidades são utilizadas na Poesia de Combate das literaturas africanas em língua portuguesa, no contexto da luta armada de libertação.

Em *O Português de Angola, entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: o caso da interpretação do sujeito nulo em orações subordinadas*, José Gueleka Kapetula apresenta os resultados do estudo realizado sobre a interpretação de sujeitos pronominais de 3ª pessoa por falantes nativos do português de Angola. Estabelece a comparação destes resultados com o dos falantes do português europeu e com os resultados obtidos em estudos semelhantes para o português brasileiro.

O artigo *O que aprendemos com as meninas bonitas? – análise de dados de uma pesquisa sobre racismo, gênero e literatura infantil*, de Helena Maria Marques Araújo e Rosa Maria Noronha Dias, apresenta a análise sobre o empoderamento feminino e as relações étnico-raciais no contexto escolar, a partir da literatura infantil.

Em *Pensar em movimento: a interseção “África-diáspora” e as outras aprendizagens em disputa no tempo presente*, Cláudia Miranda, Aline Cristina Oliveira do Carmo e Mille Caroline Rodrigues Fernandes expõem as motivações para nos deslocarmos e “pensar[mos] em movimento”, incluem considerarmos nossos referenciais africanos e afrodiaspóricos em processos de (des) aprendizagens historiográficas. No artigo ganha destaque os deslocamentos na luta e na produção epistemológica para a elaboração de temários antirracistas e de fortalecimento sociopolítico que se consolidam no itinerário África-diáspora.

No artigo *Representações sobre práticas religiosas africanas: a visão dicotomista colonial entre “civilizados” e “não civilizados”*, Erivaldo Sales Nunes traz reflexões sobre formas de representações oriundas de práticas religiosas africanas, a partir

da visão colonial binária “civilizados” e “não civilizados”.

Ser quilombola: conceitos e memórias na trajetória da comunidade negra da Caçandoca, Ubatuba, Estado de São Paulo, Clayton Galdino, Maria Aparecida Papali, Pedro Ribeiro-Moreira apresentam um panorama dos conceitos que permeiam as lutas de comunidades negras quilombolas em Ubatuba, São Paulo.

O artigo *Transpor os muros das escolas de arquitetura e urbanismo: um olhar crítico sobre o ensino e a extensão universitária, cruzando Moçambique e Brasil*, de Sílvia Jorge e Murad Jorge Mussi Vaz, debate o papel social do arquiteto-urbanista a partir da sua formação acadêmica. Por meio de uma leitura cruzada entre Moçambique e o Brasil, analisa-se a forma de pensar e conceber a cidade.

No artigo de fluxo contínuo, *Cultura e experiência, cotidiano e vulnerabilidade: uma análise das investigações sobre o fenômeno urbano na Sociologia Urbana e na História Oral no pós década de 1960*, Edmar Aparecido de Barra e Lopes aborda as categorias de cultura e experiência, cotidiano e vulnerabilidade.

Em *Etnociência Kaingang: uma revisão sistemática de literatura* de Jéssica da Silva Gaudêncio, Sérgio Paulo Jorge Rodrigues, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira e Décio Ruivo Martins analisam os conhecimentos provindos

das atividades com a natureza, historicamente registradas, para a etnia indígena Kaingang.

No artigo *Notícias de infâncias na Ditadura Militar: em foco o jornal Folha d'Oeste (Chapecó/SC, 1966-1970)*, Aline Lazarotto e Silvia Maria Fávero Arend analisam como o discurso jornalístico enunciado no jornal *Folha d'Oeste* contribuiu para a construção social das infâncias das diferentes camadas sociais.

Marcelo Sousa Neto apresenta uma resenha sobre o livro *Artífices de seu ofício: a relação entre a formação e a remuneração dos professores das redes públicas piauienses (1996-2016)*, de Isabel Cristina da Silva Fontineles.

O contexto nos compele a debates amplos sobre interlocuções antigas e sempre presentes. Esperamos que estas contribuições sirvam de alavanca para o estabelecimento de outros igualmente profícuos diálogos entre tantos brasis e tantas áfricas.

Referências

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como simbolo da identidade negra**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra-Portugal: Almedina, 2009, p. 446-486.